



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

QUE A COMUNICAÇÃO SE PINTE DE POVO
Retratos de mídia comunitária cearense

Letícia de Almeida Pereira Simões

FORTALEZA - CEARÁ
JUNHO/2016

LETÍCIA DE ALMEIDA PEREIRA SIMÕES

QUE A COMUNICAÇÃO SE PINTE DE POVO: Retratos de mídia comunitária cearense

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Márcia Vidal Nunes

LETÍCIA DE ALMEIDA PEREIRA SIMÕES

Que a comunicação se pinte de povo: retratos da mídia comunitária cearense

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Ceará como requisito
parcial para obtenção do Título de Bacharel em
Jornalismo.

Aprovado em 29 / 06 / 2016.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Márcia Vidal Nunes

Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof. Ms. José Ronaldo Aguiar Salgado

Universidade Federal do Ceará (UFC)



Profa. Helena Martins do Rêgo Barreto

Universidade Federal do Ceará (UFC)

*Dedico este livro ao meu avô Luiz Carlos
Miranda Rocha Pereira, que, se ainda estivesse
entre nós, estaria agora com muito orgulho da
sua Lelesca.*

Agradecimentos

Ninguém disse que seria fácil escrever um trabalho de conclusão de curso. Acontece que às vezes nós ficamos com medo do que há de vir e não conseguimos sair do lugar. O ponto principal da construção deste trabalho foi sair da zona de conforto. Abrir mão de certas coisas, quebrar a cabeça com outras. Tudo isso fez parte do dia a dia ao longo dos últimos meses.

Grande parte foi fruto de muita dedicação e horas a fio escrevendo em um computador que, de tão velho, só abria a página para que eu escrevesse e nada mais. Aprendi a exercitar a paciência, a manter a calma. E, principalmente, a manter o foco. Esse foi um daqueles trabalhos que, ao finalizar, você sente orgulho de si mesma e do que é capaz.

É claro que muito do que conquistei deu-se por que eu não estava sozinha. Seja em conversas de sofá ou nos bares do Benfica, seja por conta do ombro amigo ou do abraço acolhedor. Há muito a agradecer.

Agradeço à minha mãe Luísa e à minha avó Roberta, que sempre se esforçaram além do possível para me proporcionar uma educação de qualidade e que nunca deixaram que nada me faltasse, mesmo que isso significasse que faltaria para elas. Vocês são o maior exemplo de mulheres guerreiras e batalhadoras para mim.

Agradeço ao meu companheiro Jorgiel, que me escutou pacientemente por horas enquanto eu falava sobre minhas inseguranças e insatisfações. Obrigada por me ouvir e me dizer exatamente o que eu precisava ouvir naqueles momentos. Obrigada também por ser o melhor companheiro durante as entrevistas para este trabalho.

Agradeço à professora Márcia Vidal, que me acolheu com muito respeito e contribuiu imensamente para a construção deste trabalho. Eu não poderia ter escolhido outra pessoa para me orientar.

Agradeço em especial às minhas amigas e amigos que acompanharam toda a minha saga para escrever este livro. Nesse caso, não preciso citar nomes, pois cada uma e cada um com certeza irá reconhecer o meu carinho aqui. Obrigada pelos dias que vocês me ouviram e aconselharam e pelas noites que nós desopilamos e afogamos mágoas. Obrigada por me fazerem acreditar em uma comunicação plural e representativa e por serem minhas companheiras e companheiros na luta e na vida. Seguimos!

Sumário

Introdução.....	página 6
Capítulo 1	página 8
- Investigação jornalística.....	página 11
Capítulo 2: FM Independência Comunitária.....	página 15
- “A rádio que toca o que toca nossa gente”.....	página 18
- Relação com a internet.....	página 21
- É pela vida das mulheres!.....	página 22
Capítulo 3: TV UmLaw.....	página 25
- Da tela para o povo.....	página 27
- Outros trabalhos.....	página 30
- Obstáculos e sonhos.....	página 32
Capítulo 4: Jornal Vila Notícia.....	página 35
- Edições do informativo.....	página 37
- Jornalismo sustentável.....	página 43
- Política de finanças.....	página 43
- Relação com a internet.....	página 45
- Será o fim?.....	página 45
Conclusão.....	página 47
Bibliografia	página 50

Introdução

De acordo com a Constituição Federal, as concessões de rádio e TV brasileiras são públicas e o sistema deveria ser complementar, como divisão igual e justa entre público, privado e estatal. Ainda de acordo com a Constituição, as concessões não deveriam pertencer a indivíduos que ocupassem cargos políticos, mas isso não é respeitado no país. Esse controle de emissoras por políticos é um dos grandes problemas da democracia brasileira, sendo conhecido por *coronelismo midiático*. Políticos como ACM Neto (BA), Fernando Collor (AL), Sarney Filho (MA) e Tasso Jereissati (CE) são alguns dos exemplos a serem citados.

Foi a partir de discussão sobre esse tema que foi construída a Semana Nacional pela Democratização da Comunicação 2014, em parceria entre o Intervezes - Coletivo Brasil de Comunicação Social e outros coletivos de comunicação. A Semana criou a campanha Fora Coronéis da Mídia, lançada no 35º Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação Social (Maceió/AL), com o intuito de alertar sobre a questão e sensibilizar a população através de ações em mais de 10 estados do Brasil.

A lei das concessões não é respeitada e o oligopólio da mídia continua nas mãos de poucas pessoas. Sete famílias brasileiras controlando o que mais de 190 milhões de pessoas assistem pela TV. Empolgadas com o fato de que nunca sairão do patamar em que estão hoje e que sempre tentarão manipular as pessoas.

A mídia hegemônica tem se apresentado um desserviço à luta de classes e ao direito humano à comunicação. Durante a ditadura, criminalizou movimentos e foi conivente com os atentados aos direitos humanos da época. Hoje, os meios de comunicação abrem curtas brechas para que o povo fale, mas somente se for minimamente condizente com sua linha editorial.

Foi, portanto, com a pauta de Democratização da Comunicação tão em voga, que o tema deste TCC foi pensado e, por fim, escolhido. Com os meios de comunicação de massa não representando (muito menos respeitando) a luta de classes, os movimentos sociais e a população em geral, faz-se necessária uma maior compreensão a respeito de quem opta por trabalhar com comunicação alternativa, popular e comunitária. Quem são essas pessoas? Por quem elas lutam? Quais seus objetivos ao fazer parte de um modelo contra-hegemônico de comunicação?

Eu, mulher e militante do movimento estudantil, de fato conhecia pouco ou quase nada sobre o fazer jornalismo alternativo que me fascina tanto nos dias de hoje. Foi somente em uma mesa do Congresso da Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação Social (ENECOS) de 2015, em Niterói/RJ, que me arrepiei ao ouvir pela primeira vez o relato de uma comunicadora popular.

Era Gizele Martins, comunicadora popular do jornal O Cidadão, do morro da Maré do Rio de Janeiro. Gizele contava as diversas dificuldades que enfrentava para conseguir montar um simples jornal, o que deveria ser direito de todo cidadão que quisesse exercer sua liberdade de expressão. Que a população do morro da Maré nunca se sentiu representada pela grande mídia e que o jornal foi o modo que eles encontraram para publicar sua realidade, indignação e críticas ao modo alheio que o governo os trata. Contou, também, a dificuldade que era sair de casa e encontrar um tanque de guerra apontado para sua casa, simplesmente por exigir seu direito à voz e ser uma inspiração para as pessoas criminalizadas do morro que também queriam ter voz.

A partir daí, surgiu em mim o questionamento: “como será essa realidade em Fortaleza? Como essas pessoas (sobre)vivem lá na minha terra? Quanta gente trabalha com imprensa alternativa e eu não sei?” Me apaixonei pelo trabalho lá no Rio de Janeiro e percebi que não sabia muita coisa sobre a minha própria cidade. Foi, então, que meu desafio teve início

A democracia do Brasil é falha em diversos aspectos. Se todos e todas tivessem direito de se expressarem da forma que quisessem, não haveria critério para quem pode ou que não pode ser um/uma comunicador(a). Toda e qualquer pessoa, seja velha ou nova, rica ou pobre, negra ou branca, teria voz e vez na mídia.

Será um sonho? Com certeza é o meu.

Mergulhei de cabeça na história de três veículos de comunicação comunitária cearense, acompanhei um pouco de suas rotinas de trabalho e compartilhei experiências que vou levar para toda a vida. E é essa a história que eu quero contar.

Capítulo 1

Comunicar-se é uma necessidade de todo ser humano, mas nem sempre o acesso à comunicação é de todos. A comunicação de massa brasileira é dominada por um número pequeno de famílias economicamente dominantes que controlam tudo que será divulgado, enquanto o restante da população consome apenas aquilo que tais famílias decidiram que eles deveriam assistir.

No Brasil, as primeiras movimentações do que hoje classificamos como Imprensa Alternativa começaram a surgir no começo do século XX, com o surgimento da Imprensa Operária. Imigrantes europeus difundiram ideais anarquistas em solo brasileiro, fazendo com que os trabalhadores operários da época fossem criando mais consciência diante de seus direitos e da necessidade de suas reivindicações. Assim, surgiram os primeiros jornais operários no Brasil.

De acordo com a pesquisadora Maria Nazareth Ferreira (1978), “através de suas páginas a liderança operária orientava as massas trabalhadoras. [...] Nos momentos de crise, as sedes dos sindicatos transformavam-se em postos avançados da luta operária, dos quais o jornal transmitia a palavra de ordem, a orientação a ser seguida pelas bases operárias”.

Durante o período da Ditadura Militar, os veículos de comunicação de massa mostraram-se aliados aos generais e ao governo, disfarçando a situação caótica do país e deslegitimando a luta de quem dizia não ao regime autoritário.

Mas nem todos compactuavam com o que a mídia burguesa da época pautava. Havia a parcela da população (universitários, militantes políticos e outras pessoas que eram contra a ditadura) que não se sentia representada nos jornais e nas TVs, havia os jornalistas que se recusaram a continuar trabalhando nos grandes veículos e havia as Comunidades Eclesiais de Base e as Associações de Moradores, que atuavam diretamente com as classes subalternas da população e também tiveram um importante papel na história da comunicação popular no Brasil.

Entre as décadas de 1970 e 1980 a imprensa alternativa brasileira foi se consolidando por meio de jornais em formato tablóide que possuíam conteúdos críticos e reivindicativos, tendo o “povo” como principal interessado. A comunicação popular ou alternativa passou a representar um espaço de participação democrática, pautando as lutas populares por melhores condições de vida, assuntos que não eram vistos nos grandes veículos de comunicação voltados às massas.

Em 1969, surge no Rio de Janeiro o jornal O Pasquim, um dos principais símbolos de resistência da época. Tinha à frente intelectuais como Ziraldo, Millôr Fernandes, Ivan Lessa, entre outros. O humor era uma das principais características do jornal, que comumente fazia suas críticas através de charges. Havia também, em São Paulo, o jornal Amanhã, feito por estudantes da Faculdade de Filosofia e que tinha como alvo a classe trabalhadora.

Foram lançados também jornais que pautavam as minorias invisibilizadas na época, como é o caso do jornal Mulherio (tratando a situação da mulher na sociedade brasileira), lançado em 1981, o Lampião (fomentando a discussão da questão homossexual), de 1978, e o jornal Porantim (1978), ligado ao Conselho Indigenista Missionário (pautando a questão indígena).

No Ceará, o primeiro jornal alternativo foi o Mutirão (1977), formado por militantes partidários, intelectuais de esquerda, jornalistas e profissionais liberais. O projeto intitulava-se “um jornal do povo, instrumento de denúncia da pobreza e das classes populares”. Denunciava desde as dificuldades do trabalhador operário até as insuficiências na educação em comunidades rurais. O jornal circulou durante cinco anos.

Durante a década de 1990, a pressão social provocou um aumento no debate sobre democratização da comunicação. Num ambiente democrático, após o fim da ditadura militar, o processo de ação comunicacional dos movimentos populares sofreu alterações positivas por meio de formas mais avançadas e ágeis de comunicação. A produção alternativa ganhou espaço também na reflexão sobre comunicação. Assim, o movimento como um todo passou a utilizar-se principalmente dos meios de radiodifusão, através das rádios comunitárias ou rádios livres.

No entanto, como pode-se perceber, a maioria da equipe por trás desses jornais era composta por intelectuais, profissionais ou universitários. Eram os intelectuais que falavam sobre a exploração do proletariado, sobre as dificuldades que sofriam, sobre os problemas que os abatiam. A “voz do povo”, na verdade, não era tão do povo assim.

Para Cecília Peruzzo (2006), “a comunicação popular e comunitária pode ser entendida de várias maneiras, mas sempre denota uma comunicação que tem o “povo” [...] como protagonista principal e como destinatário”.

Deve-se, portanto, diferenciar as formas de comunicação ditas populares e/ou comunitárias que tem o “povo” como público-alvo principal, mas que são elaboradas pelos meios de comunicação de massa convencionais, daquelas protagonizadas por cidadãos ou entidades associativas de interesse público.

A comunicação comunitária deve ser baseada em princípios públicos. “Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor – tão presente quando se fala em grande mídia -, mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de emissor e difusor de conteúdos” (PERUZZO, 2006).

Porém, infelizmente esta não é uma temática muito visível para a população como um todo. O debate sobre democratização dos meios de comunicação ainda precisa avançar muito até atingir todas as esferas da sociedade e fazer com que a comunicação cumpra seu papel enquanto um direito humano.

Toda e qualquer oportunidade de dar visibilidade ao trabalho de quem escolheu fazer parte de um canal contra hegemônico de comunicação deve ser aproveitada. Devemos contar suas histórias para que sirvam de exemplo. Para que outras pessoas com a mesma insatisfação dentro do peito se espelhem em seus trabalhos, em suas trajetórias. Para que, assim, mais e mais espaços de mídia sejam disputados e produzidos. E para que, finalmente, uma comunicação plural e representativa saia dos caminhos incertos dos sonhos e desejos e se torne algo possível e concreto.

Foi exatamente com esse desejo que o tema deste trabalho foi escolhido, com o objetivo não só de contar histórias, mas sim de me inserir completamente naqueles ambientes e carregar comigo o máximo de experiências que eu puder levar. O intuito era conhecer ainda mais a fundo o trabalho que tanto admiro e quero integrar.

Para compreender as diferentes realidades de comunicação alternativa, os perfis foram escolhidos com o objetivo de contemplar todas as especificidades que cada veículo pode ter. Optei por escolher três plataformas distintas (rádio, TV e jornal) para poder comparar as experiências comunicacionais em seus mais diferentes aspectos, seja na transmissão em todo o município através de uma rádio, seja na divulgação por toda a internet através de uma web-tv comunitária ou na propagação de notícias de interesse de uma determinada comunidade por meio do jornal do bairro, por exemplo.

É importante destacar alguns detalhes específicos sobre cada um dos municípios que abrigam os veículos comunitários retratados neste trabalho.

A cidade de Fortaleza é a quinta maior do Brasil, abrigando aproximadamente 4 milhões de habitantes em 2015 (IBGE). O setor de comunicação fortalezense tem como principais atuantes o Grupo de Comunicação O Povo e o Sistema Verdes Mares. Há também o Sistema Jangadeiro e o Grupo Cidade de Comunicação, donos de parte relevante da audiência na capital cearense.

Já a imprensa alternativa em Fortaleza conta com jornais e rádios comunitárias localizados majoritariamente em regiões periféricas da cidade, por exemplo, a Comunidade das Quadras e bairros como Bom Jardim, Parquelândia, Álvaro Weyne e Antônio Bezerra. Há, ainda, o Nigéria, coletivo de audiovisual cearense que atua como veículo da imprensa alternativa e tem repercussão por todo o país.

Outro município abordado neste trabalho é a cidade de Independência, localizada na Região dos Inhamúns. O município é o quarto maior do Ceará e conta com população de aproximadamente 25 mil habitantes, de acordo com o IBGE, em 2012.

Independência conta com quatro veículos de comunicação. As rádios comerciais Centro e Cidade e a rádio FM Comunitária, além do site Porronca Independência.

Investigação jornalística

Após 300 km na estrada, cheguei até a cidade de Independência/CE, na região dos Inhamúns, na qual conheci o trabalho da FM Comunitária do município, atuante há quase duas décadas. Meu primeiro contato com alguém da rádio deu-se através das redes sociais, quando conheci Rosa Gonçalves, professora, militante e ex-presidente da FM Comunitária. Rosa mostrou-se muito solícita e disposta a ajudar. Ofereceu sua casa para que eu me hospedasse no período que estivesse em Independência.

Consegui separar uma quantia que seria suficiente para suprir meus gastos com a viagem. No dia 11 de abril de 2016 entrei sozinha no ônibus que me levaria a Independência, cidade que nunca havia ido e conhecendo somente uma pessoa no município. A viagem durou aproximadamente cinco horas. Desci do ônibus ainda na estrada, com alguns comércios e bares ao redor do guichê da pequena rodoviária.

O sinal da internet 3g funcionou e recebi as últimas atualizações sobre minha chegada. Rosa me informou que teve que fazer uma viagem de urgência até outro município e que quem me receberia seria Mariana, moça que também trabalha na rádio. No entanto, Mariana me enviou uma mensagem dizendo que estava doente e quem iria me receber em seu lugar seria outro colaborador, Júnior.

Esperei alguns momentos até que ele chegasse. Fomos de moto até a casa da Mariana, onde fomos apresentadas. Fui bem recebida desde o primeiro minuto. Tomei um banho, almocei e conversamos. Devido ao curto período de tempo que eu poderia ficar afastada do meu estúdio, passaria apenas dois dias na cidade. Uma roda de conversa com os membros da

FM Comunitária estava agendada para o mesmo dia, à noite, para que eles pudessem me contar sobre a história da rádio.

Infelizmente, um grande roubo seguido de um “arrastão” aconteceu em Independência naquela noite e a atividade teve que ser cancelada. A cidade ficou em estado de alerta e todos os moradores permaneceram em suas casas. Na manhã seguinte, não se falava em outra coisa. Após o almoço, participei ao vivo de um dos programas da FM Comunitária, contando minha experiência com a pauta de democratização da comunicação e explicando meu trabalho na cidade.

A tarde realizamos a roda de conversa na sede da própria rádio. Conheci pessoas das mais diversas gerações de Independência e todas fizeram questão de dar sua contribuição. A rádio mantém uma programação abrangente, interligando campo e cidade e incentivando as experiências comunitárias por meio de seus programas educativos e de valorização da cultura local e regional. A FM Comunitária enfrentou a burocracia do Ministério das Comunicações e, mesmo após permanecer dois anos fechada, conseguiu se consolidar no município e virar referência entre as rádios comunitárias do país.

A entidade promove reflexões sobre o dia a dia da realidade local. As ações ultrapassam o ambiente midiático e ganham outros espaços públicos por meio do debate, além de buscar o empoderamento das mulheres da região, realizando debates, seminários e rodas de conversa para pautar questões de gênero como a saúde da mulher, o combate à violência contra a mulher e valorização do trabalho doméstico.

Foi esse caráter empoderador da FM Comunitária de Independência que me fez escolhê-la com uma das histórias deste livro, acreditando que, ao contá-la, esta poderá servir de exemplo para que outras rádios comunitárias passem a trabalhar o empoderamento feminino dentro das periferias e municípios do interior.

Ao retornar de viagem, me dirigi até o Vila Velha, bairro periférico de Fortaleza/CE, que, até então, eu não conhecia. Precisei me guiar por um aplicativo do celular para chegar até o local exato. Dentro do Vila Velha existiu o jornal comunitário Vila Notícia, atuante por cerca de cinco anos. Fui recebida pelo Marcus Lima, ex- coordenador geral do jornal, na residência de sua mãe, que cedeu espaço para a sede do informativo durante seus anos de atuação. Logo mais, somaram-se a conversa dois ex-membros da equipe, Evaldo Paulino e Jean Oliveira. Conversamos durante uma tarde e pude absorver muito de suas trajetórias.

O jornal era produzido por jovens voluntários que, mesmo sem uma formação sobre jornalismo ou comunicação, dividiam-se em equipes e realizavam reuniões de pauta, divisão de matérias, diagramação, coleta de recursos financeiros e distribuição do material finalizado

dentro do bairro. O informativo abordava temáticas como meio ambiente e ecologia, arte e cultura, direito e literatura, promovendo o debate e a troca de conhecimentos dentro do bairro.

Durante sua existência, o jornal atraiu diversos jovens que ansiavam por aprender e fazer parte do trabalho, que já era reconhecido em vários lugares de Fortaleza. Além de melhorar a comunicação interna na comunidade, as atividades desenvolvidas facilitaram a criação de outros projetos sociais, como uma biblioteca comunitária, por exemplo.

Conheci também a TV UmLaw, TV comunitária da União dos Moradores de Luta do Álvaro Weyne, associação comunitária do referido bairro localizado na periferia fortalezense, também localizado na capital Fortaleza. O bairro já era conhecido por mim, embora não a parte onde fica localizada a associação. A UmLaw Associação conta com um pequeno estúdio em sua sede, no qual são realizadas algumas gravações para os plantões da TV UmLaw, que são exibidas no site da entidade.

Fui recebida no estúdio por Ivan Batista e Nilson Carvalho, os dois únicos membros da TV atualmente. Eles me contaram sua história de atuação, além de me apresentar detalhadamente as páginas e blogs que a TV UmLaw alimenta. Também tive acesso a cada câmera e cada equipamento utilizado pela equipe ao longo dos anos. A TV UmLaw ganhou destaque nacional e internacional com transmissões ao vivo das Conferências de Comunicação nos âmbitos municipal, estadual e nacional, além de ser a transmissora oficial da visita do ex-presidente Lula em Fortaleza, na Praça do Ferreira, em abril de 2016.

A entidade participa da cobertura de diversas ações dentro da comunidade, realizando assembleias para ouvir as demandas da população e atuar junto à Prefeitura Municipal em busca de reivindicações atendidas. A TV UmLaw também realiza a cobertura de atos, manifestações e passeatas ligadas aos movimentos sociais, reforçando o seu caráter combativo e de luta e o seu comprometimento com a transformação.

A escolha pelo jornal Vila Notícia e a TV UmLaw deu-se através de suas fortes atuações dentro das periferias de Fortaleza, bem como do trabalho realizado com jovens dos seus respectivos bairros de origem. Outro fator que motivou a escolha foi a vontade de dar ainda mais visibilidade às demandas das comunidades do Álvaro Weyne e do Vila Velha.

Após me inserir em cada um dos três ambientes, tenho como objetivo contar suas histórias e analisar seus modos de trabalhar com comunicação comunitária, as formas de atuação nos locais que estão inseridos (município, comunidade, etc), além de sua relação com a população local. Pretendo, também, analisar suas relações com a internet e quais meios encontraram para continuar funcionando sem apoio financeiro.

Nas próximas páginas será possível encontrar mais detalhes sobre a fundação, o crescimento e a trajetória de cada um desses veículos de comunicação comunitária. A experiência de conhecer cada um deles foi enriquecedora de uma forma especial, que até dá medo de não conseguir colocar no papel tudo que foi apreendido.

Espero ter conseguido realizar tal feito. Deixo para que me digam. Boa leitura!

Capítulo 2

Na cozinha, o rádio estava conectado em uma nova frequência, nunca antes utilizada. No início, ouvia-se somente os zumbidos comuns do equipamento e nada mais. Até que, aos poucos e ainda bem tímida, uma melodia de notas conhecidas surge ao fundo. Finalmente havia dado certo. O esforço de um ano de trabalho intenso valera a pena: a pequena cidade de Independência, no interior do Ceará, possuía, então, sua rádio comunitária.

Durante alguns tempo, a ideia de criar uma rádio comunitária em Independência era apenas um sonho. A falta de informação sobre como proceder, as dúvidas que surgiam e a ausência de contatos para esclarecer tais questionamentos eram fatores que traziam inseguranças e incertezas aos que idealizavam o projeto.

Descobriu-se, então, ser necessário a criação de uma associação para fundar e coordenar a rádio comunitária. Para que isto fosse possível, juntaram-se sete entidades: a paróquia de Independência, o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Independência, a Associação de Moradores dos Bairros, a Associação Assistencial, a Associação da Comunidade de São Jerônimo, a Associação da Comunidade de Brilhante e a Associação dos Agentes de Saúde, todas do município de Independência.

Em 02 de dezembro de 1996, as sete entidades fundaram a Associação Comunitária de Radiodifusão de Independência (ACORDI), que, por sua vez, ficou responsável por resolver todos os trâmites referentes à criação de uma rádio comunitária para a cidade. A preocupação dos que compunham a ACORDI era fazer da mesma uma entidade disposta a participar da luta pela democratização da comunicação, bem como divulgar as iniciativas populares da região e ampliar os horizontes da comunicação popular no interior do Nordeste.

Depois de criada a associação, o trabalho no município não parou. Cada um dos envolvidos no projeto trabalhou arduamente na preparação da documentação a ser entregue ao Ministério das Comunicações e elaborou uma campanha para arrecadação de fundos para a compra de materiais e possíveis despesas a surgir. Ao longo das semanas foram realizadas assembleias para que a construção da rádio comunitária fosse o mais abrangente possível. Durante tais reuniões, os presentes elaboravam o regimento interno e o estatuto da entidade, além de montarem também uma grade de programação. Hoje, a ACORDI conta com dezoito

membros, além dos voluntários. Os membros são divididos em Direção, Conselho Fiscal e Conselho de Programação, cada um com seis membros.

De acordo com Terezinha de Aguiar Maia, uma das fundadoras da rádio e da associação, a grade de programação foi pensada para satisfazer os cidadãos do município, que sentiam falta de representação nas rádios comerciais que tocavam na cidade. O objetivo principal da grade seria “tocar o que toca nossa gente”, como ficou estampado no slogan da entidade momentos depois. A escolha do nome deu-se através de uma pesquisa feita por todo o município. A paróquia de Independência cedeu um espaço dentro da sacristia para o funcionamento da rádio, e foi de lá que a FM Comunitária de Independência, finalmente, foi ao ar.

Em 05 de fevereiro de 1997, a rádio começou a funcionar em caráter experimental. Os cidadãos independencianos que aguardavam a grande estreia foram saudados com a música Pavão Misterioso, do cantor cearense Ednardo. Hoje, a sede da FM Comunitária tem, em uma de suas paredes, um quadro com algumas penas de pavão e uma mensagem de saudação pela criação da rádio.



Enquanto isso, deu-se um processo de formação para as pessoas que iam assumindo funções e realizando trabalhos, tudo de forma voluntária. Ao mesmo tempo, a luta junto ao Ministério das Comunicações e à Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) pela regularização da rádio não parou. O medo da população diante do desconhecido, a perseguição por parte de alguns e os recursos escassos não serviram de outra coisa senão como uma injeção de ainda mais coragem e força de vontade aos que lutavam pela existência da FM Comunitária.

Para os sócios-fundadores, os primeiros anos foram sofridos, rastejantes e cansativos. Os precursores do projeto sabiam que tinham o direito de estarem ali, funcionando e transmitindo para todo o município. Sabiam que todo ser humano tem direito à comunicação; mas sabiam também que a lei que rege as rádios comunitárias, mesmo àquela época, não contemplava todas as especificidades de um país tão grande quanto o Brasil. A burocracia e falta de interesse por parte do governo cansavam ainda mais os que batalhavam diariamente por um canal de comunicação amplo e comunitário. Até que a entidade sofreu o seu maior baque.

Em 17 de fevereiro de 2002, após algumas visitas anteriores juntamente com a ANATEL, a Polícia Federal invadiu as dependências da FM Comunitária. Para Elson Sousa, que trabalha na rádio há 13 anos - tendo iniciado aos 14 -, a invasão foi “agressiva, brutal e desnecessária”. Equipamentos arrancados e arremessados, móveis danificados e uma grande perplexidade entre os que presenciaram a ação foi o que restou após a “visita”. Neste mesmo dia, a FM Comunitária fecha suas portas.

Desestruturados e desestabilizados após o acontecido, os membros da ACORDI buscaram na associação as forças necessárias para seguir com o trabalho da rádio. Certos de que o funcionamento da mesma só dependia da regularização de seus documentos, a associação somou forças em prol deste único objetivo. A burocracia das instâncias públicas atrasou um pouco mais o andamento do processo, mas não foi o suficiente para fazê-los desistir antes da hora.

Após a invasão da Polícia Federal, dois anos se passaram sem que os cidadãos independencianos pudessem sintonizar a FM Comunitária em seus aparelhos de rádio. Dois anos sem que eles pudessem usufruir de seu direito de utilizar a comunicação como instrumento para a emancipação da sociedade.

No dia 31 de agosto de 2004, o Ministério das Comunicações concedeu, de forma provisória, um documento que autorizava o funcionamento da rádio. Foi motivo de grande comemoração, mas era apenas a primeira fase a ser atingida. No dia 10 de agosto de 2005, quase um ano depois, a Câmara dos Deputados aprovou a outorga na Casa. Alguns meses depois, em novembro de 2005, o plenário do Senado também concedeu aprovação. E, finalmente, em 21 de dezembro de 2005, o Ministério das Comunicações emitiu a licença de funcionamento por dez anos.

No entanto, havia ainda um empecilho. Todos os equipamentos haviam sido danificados durante a última visita da Polícia Federal. Outra campanha foi realizada na cidade com o intuito de arrecadar fundos, e cada um contribuiu como pôde. O funcionamento da rádio dentro da sacristia da igreja não seria possível por muito mais tempo, devido o pouco espaço e a necessidade de a rádio possuir um espaço seu. Ciente disto, a paróquia de Independência doou parte do terreno em que se localizava o salão paroquial para que o prédio definitivo da FM Comunitária fosse estabelecido. A campanha de arrecadação permitiu que equipamentos novos fossem comprados e foi então que todos os rádios da região puderam sintonizar novamente na frequência correta.

O processo de criação, manutenção e regularização de uma rádio comunitária no Brasil está longe de ser algo fácil. É preciso muita determinação e doação por parte daqueles

que de fato lutam por uma comunicação emancipatória no país. A Associação Comunitária de Radiodifusão de Independência mostrou que veio para fazer a diferença na luta pela democratização da comunicação e contra a criminalização das rádios comunitárias.

Para além disso, a FM Comunitária foi e ainda é essencial na formação de comunicadores populares no interior do Ceará. Os funcionários da entidade voluntariam-se pois acreditam em uma nova forma de fazer comunicação e em um modelo de sociedade mais justo e crítico. Para Willame Melo, locutor e mixador, a rádio é, além de uma escola, uma família. “Trabalho aqui há três anos, comecei como mixador e hoje apresento um programa. Foi aqui que aprendi a desenvolver meu pensamento crítico”, conta. A pedagoga Mariana Gonçalves, que também trabalha na rádio, afirma que gosta de “trabalhar com as crianças ajudando-as a desenvolver seu próprio programa”.

Desde 1997, a rádio contribui para o desenvolvimento do município e da região, além de atuar plenamente no exercício da cidadania e de servir de instrumento de difusão das iniciativas populares e de dinamização da cultura dos povos do semiárido.

A ACORDI vem trabalhando, ao longo desses 19 anos, com a informação, o incentivo à cultura e a participação cidadã. Atua, ainda, junto a Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC), participando de processos avaliativos e formativos, com o intuito de repensar ainda mais a atuação da rádio diante da conjuntura atual.

O trabalho voluntário exercido dentro da FM Comunitária também tem sido o diferencial no município. Além de incentivar o olhar crítico e minucioso de cada um que ali trabalha, a rádio tem um importante papel na capacitação de jovens estudantes com poucas condições financeiras, que encontram na entidade uma forma de ampliar seus conhecimentos e se capacitar tecnicamente para o mercado de trabalho.

“A rádio que toca o que toca nossa gente”

Ao criar uma rádio comunitária no sertão cearense, os membros da ACORDI tinham uma avaliação que não poderia nunca ser esquecida: a FM Comunitária de Independência deveria se diferenciar ao máximo das rádios



comerciais da região. Uma reivindicação de extrema importância aos que compunham a equipe voluntária era de que todas as músicas a serem tocadas na rádio deveriam passar por uma atenta avaliação em sua letra.

Tal rigidez tinha o intuito de que a rádio não tocasse músicas de caráter preconceituoso, em todos os aspectos que tal palavra possa abranger. Não seriam toleradas canções que subjugassem as mulheres, as negras e negros, os nordestinos, pessoas com deficiência ou de idade mais avançada. Letras que compactuassem com qualquer tipo de agressão, seja física ou psicológica, também não teriam vez na programação da rádio.

Ao longo dos anos foram realizadas pesquisas de campo por todo o município visando descobrir o que a população de Independência queria ouvir na rádio. De acordo com o relato de Júnior Martins, locutor e mixador, “a equipe [da FM Comunitária] ia de porta em porta, de casa em casa, entregando um papel com perguntas para a população responder sobre o que gostaria de ouvir na rádio”. Após o diagnóstico da pesquisa e a avaliação das letras, a programação musical é fechada, atendendo aos pedidos da comunidade, mas sempre atenta ao conteúdo das músicas.

Outra diferenciação na programação da FM Comunitária é o espaço cedido às sete entidades que compõem a ACORDI, bem como seu caráter ecumênico, dando espaço também às religiões que queiram se manifestar por ela. As crianças e a juventude do município também têm oportunidade de ampliar seus horizontes sobre comunicação, participando de programas desde sua produção até a locução. Nos dias específicos que os programas destinados às suas faixas etárias vão ao ar (sábado e domingo), as crianças e os jovens ficam responsáveis por toda sua execução, além de já terem produzido o mesmo anteriormente.

A programação da FM Comunitária foi pensada com o objetivo de atender aos interesses da comunidade e de fazer com que ela se sentisse de fato representada por um canal de comunicação. Os programas abordam temas como saúde, nutrição e previsão do tempo, humor, movimentos sociais, movimentos de igrejas, movimento de mulheres, juventude, notícias locais, além da extensa e diversificada programação musical, que abrange do rock ao forró pé-de-serra. Até mesmo plantões policiais são feitos, mas a cobertura mostra-se mais atenta aos princípios dos direitos humanos e sem o intuito de prejudicar a imagem dos envolvidos. A grade de programação pode ser conferida a seguir.

Segunda à sexta

Amanhecer no sertão - músicas, bom dia, acordar a cidade

Bom dia, Independência - primeiras informações locais, atende ouvintes
Tocando o que toca nossa gente - musical, informações, nacional informa
Independência Informa - radiojornalismo, notícias locais
Viva bem Brasil - dicas de saúde, nutrição, fé, autoestima
Sempre sucesso - música, participação do ouvinte
Sertão em canto/1ª parte - forrós regionais
Sertão em canto/2ª parte - cantorias, repente, emboladas
Saudando o deus da vida - leitura bíblica, reflexões, músicas religiosas
Canta Ceará - música popular cearense
Saudade não tem idade - flashbacks de música romântica

Horário de funcionamento na semana 06:00 às 22:00

Sábado

Roberto Carlos - músicas do Rei
Fala aí juventude - jovens trazem temáticas, músicas
FECI (Federação das Entidades Comunitárias de Independência) - vida das associações, projetos
Boa Semente - programa da Assembleia de Deus
Vida de mulher - pauta igualdade de gênero e empoderamento de mulheres
As músicas que marcaram época - músicas antigas
A caminho da Luz - programa espírita, reflexões
Rock Brasil - músicas
Sertão em canto 1ª e 2ª parte
Saudando o deus da vida

Horário de funcionamento: 06:00 às 18:15

Domingo

O voo da asa branca - músicas de Luiz Gonzaga
Recordar é viver - comportamento, cultura do passado de Independência
O vagalume - programa infantil, curiosidades, datas comemorativas da semana, músicas, mensagens

Coisas do sertão - personagem seu Viana, voz dos animais

Tempo de deus - programa evangélico louvores, caderno da oração

Musical de 13 às 18h

Cantemos nossa fé na caminhada - texto reflexivo, música religiosa, pastorais, o que acontece no Brasil

Missa

Horário de funcionamento: 06:00 às 20:30

O debate é um ponto essencial durante o cumprimento da programação no decorrer dos dias. Os ouvintes da FM Comunitária já possuem o costume de fazer ligações para participações durante os programas, promoções e sorteios. Eles também entram em contato para fazer elogios ou críticas. Há programas, como é o caso do “Seu Viana”, com viés humorístico e regional, em que as participações são frequentes, dando ainda mais visibilidade ao trabalho dos comunicadores populares que ali atuam.

De acordo com a equipe da rádio, o alcance da frequência 104,9 é de aproximadamente 20 km. O município de Independência é geograficamente acidentado, portanto em alguns lugares em que o terreno é mais baixo, a frequência infelizmente não alcança a totalidade.

Relação com a internet

A FM Comunitária começou a utilizar a internet para transmitir sua programação desde 2010, quando percebeu que o alcance do conteúdo produzido por eles poderia ir muito além dos limites do município. Para quem não mora na cidade e tem interesse de acompanhar o trabalho mais de perto, é possível ouvir a transmissão através do site www.independenciafm.com.br.

No site também encontramos notícias locais e nacionais, além de uma seção sobre a história da fundação da rádio. O design da plataforma é simples e requer um pouco de atenção em determinados pontos, como composição de cores e disposição de elementos, mas o acesso flui bem e é possível encontrar o que procura com facilidade.

É pela vida das mulheres!

A grade de programação da FM Comunitária foi pensada estrategicamente para ser voltada para a realidade do povo de Independência. Infelizmente, uma das realidades mais gritantes no município, bem como nos demais estados e cidades do país, é a violência contra a mulher.

A presença do machismo e do patriarcado no sertão é bem mais evidente, uma vez que, durante toda a vida, as mulheres são ensinadas e/ou obrigadas a aprender a cozinhar, lavar roupa, cuidar de crianças e demais serviços domésticos, ou seja, ficar cada vez mais presa dentro de casa, enquanto o homem sai para “ganhar o sustento da família”. A mulher passa, portanto, a ter voz somente dentro da cozinha, a sofrer ameaças e agressões físicas e verbais por parte do seu “companheiro”.

Além disso, as mulheres que trabalham fora, ao chegar em casa, são ainda as responsáveis por todos os afazeres domésticos, além de cuidar dos filhos. É a tripla jornada de trabalho, sempre desestimulante e cansativa. Na maioria das vezes, não há divisão de tarefas entre a mulher e o homem. Sem contar também com as mães divorciadas, que sofrem preconceitos por parte da sociedade pelo simples fato de criarem seus filhos sozinhas. São múltiplos ataques destinados às mulheres todos os dias, meses e anos.

Diante disto, a rádio FM Comunitária pensou em uma maneira de empoderar cada vez mais as mulheres do município de Independência, além de aumentar o senso crítico e a capacidade de argumentação delas. Uma enquete foi produzida e divulgada pela rádio para que as ouvintes pudessem escolher a opção de maior agrado para ser o nome de um programa voltado inteiramente para o público feminino.

O nome mais votado foi Vida de Mulher. Com uma hora de transmissão e produzido principalmente pelas fundadoras da rádio Rosa Gonçalves e Elisa Vieira Coutinho, o Vida de Mulher abrange temáticas da vida social, política e econômica das mulheres, bem como temas relacionados também à saúde e educação e à imagem da mulher na mídia. Vez ou outra, convidadas de fora (do município ou de outras cidades) participam do programa fazendo falas referentes à temática do dia; quando não, são as próprias mulheres da rádio que coordenam a programação.

De acordo com a equipe do programa, o telefone não para de tocar durante a exibição. Em um só dia, o programa já recebeu 20 participações. Muitas mulheres ligam para desabafar, contar experiências e esclarecer dúvidas sobre saúde e sobre formas de evitar

algum tipo de abuso em suas residências. Alguns homens também já ligaram para manifestar apoio, mas as mulheres continuam sendo maioria.

Além da temática geral do encontro, há também o quadro “Mulheres que fizeram história”, que conta a história de mulheres que por toda a vida lutaram por seus ideais e cujas histórias são secundarizadas, uma vez que os feitos dos homens são amplamente divulgados e os seus, não. O recorte da região Nordeste também é feito, enaltecendo a vida de grandes mulheres nordestinas.

Procurando atingir as mulheres do campo e da cidade, o programa pauta também as lutas dos movimentos de mulheres por todo o país, fazendo com que as cidadãs independencianas fiquem a par de tudo que está acontecendo no Brasil. Para além de informativo, o Vida de Mulher possui um caráter formativo que ultrapassa as paredes do estúdio de gravação. São realizadas, ainda, rodas de conversa nos bairros, praças e escolas pautando a temática de igualdade de gênero e ouvindo as demandas das mulheres.

Desde sua criação, em 2009, o programa Vida de Mulher realiza um importante trabalho de empoderamento de mulheres no interior do Ceará. Felizmente este trabalho vem ganhando cada vez mais visibilidade a nível estadual e nacional.

Por conta do histórico trabalho de combate às desigualdades de gênero no rádio, a FM Comunitária participou, em 2012, do 4º Prêmio da ODM Brasil, que pertence ao projeto Objetivo de Desenvolvimento do Milênio. A iniciativa premia atividades por todo o país que promovem a igualdade e lutam por um mundo melhor e mais desenvolvido social e ecologicamente. O projeto é uma parceria entre a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) e a Organização das Nações Unidas (ONU).

Naquele ano, 1638 atividades foram inscritas para concorrer ao prêmio. Na primeira fase de seleção, a FM Comunitária de Independência ficou entre as 50 finalistas, passando para a segunda fase. Nesta, acabou ficando em segundo lugar. Além do reconhecimento nacional e internacional, uma vez que o trabalho da rádio saiu em revistas nacionais e estrangeiras, uma parte da equipe da rádio foi até Brasília, com todas as despesas pagas, receber um troféu das mãos da presidente Dilma Rousseff.

Apesar de simbólica, a premiação foi um marco de extrema importância para a rádio comunitária. De fato, não há nada tão valioso quanto a valorização de seu trabalho, ainda mais quando o reconhecimento vem de forma tão marcante.

“As ‘mulheres comunicadoras’ da rádio fazem um trabalho de sensibilização com outras mulheres, visitam comunidades vizinhas e auxiliam na luta por políticas públicas. [...]Entre os principais benefícios da prática estão a ampliação do trabalho de prevenção à

violência contra as mulheres, com redução dos índices de violência na comunidade; e a promoção do trabalho com jovens, crianças e produtores, garantindo uma comunicação democrática e popular”, diz o site da ODM Brasil sobre a premiação à FM Comunitária.

Para a ex-presidente da entidade, Rosa Gonçalves, “o programa tem trazido muitos avanços nas pautas das mulheres do município”, mas critica: “A rádio é comunitária e as pessoas que se colocam a serviço dela fazem isso voluntariamente, porque querem que ela continue. Hoje, vários entraves que nós lidamos se dão por conta da lei que rege as rádios comunitárias, lei que está muito atrasada e desatualizada. A luta por mudanças nessa lei já acontece por todo o país. Só assim nós iremos ter, de fato, uma comunicação democrática e acessível a todos.”

O reconhecimento também chega por parte de jovens pesquisadores, que escolhem a FM Comunitária como objeto de suas pesquisas e destrincham a história da rádio com o intuito de divulgar cada detalhe do trabalho desenvolvido ali. Dois pesquisadores, um do Rio de Janeiro e outro da Alemanha, já visitaram as terras independencianas em busca de conhecer mais de perto o exemplo de comunicação comunitária.

Em dias onde os veículos de comunicação tradicional continuam atrasados quando o assunto é igualdade de gênero na mídia e as mulheres são geralmente colocadas em segundo plano em detrimento aos homens, encontrar um veículo de comunicação comunitária que pautar a temática com tanta competência é de renovar as esperanças na luta por uma comunicação democrática e feita por mais mulheres, negras e negros e pessoas LGBT's.

É o que afirma Rejane Vieira, ouvinte da FM Comunitária que tem acompanhado mais de perto o trabalho da equipe. “A rádio tem feito a diferença na minha vida. A programação é educativa e informativa, ajuda a gente a desenvolver o pensar crítico. [...] Uma coisa que nunca pode faltar aqui em Independência é a rádio comunitária”, comenta.

Capítulo 3

A tela da tevê, sempre lotada de pessoas brancas, mostrava a obra do novo viaduto, que mesmo antes de ser finalizado derrubou várias árvores de um parque ecológico da cidade. Nos comerciais entre o jornal, propagandas de carros luxuosos e utensílios domésticos de primeira linha. Onde estão os pobres, negros e periféricos? Por que quase não os vemos na TV?

Em toda cidade, os bairros periféricos e que abrigam a população em situação econômica mais vulnerável são, geralmente, os mais negligenciados pelo Governo, pelas políticas públicas e, inclusive, pela mídia hegemônica. Em Fortaleza, não seria diferente. Nos jornais impressos e telejornais da capital, vemos todos os dias matérias supostamente jornalísticas que criminalizam lutas e juventudes, em função das peças de vestuário e, na grande maioria das vezes, da cor da pele.

A população pobre, negra e periférica, que batalha dia após dia por uma sobrevivência digna e honesta não é representada na tela da televisão. Quando muito, é retratada por personagens que atuam em pequenos cargos no mercado de trabalho (como, por exemplo, empregadas domésticas, motoristas, jardineiros, etc), ou como assaltantes e pessoas que não trabalham e são tidas como “vagabundas”. Apenas recentemente atores negros passaram a trabalhar em papéis de personagens bem desenvolvidas, embora ainda prevaleça a presença de pessoas economicamente melhor sucedidas.

Porém, desde antes de lutar para se sentir representada pela grande mídia, a periferia passou a lutar por sua sobrevivência dentro de uma sociedade injusta e a serviço do sistema capitalista. Aos poucos, comunidades pertencentes a cada bairro periférico passaram a sentir necessidade de se organizarem para ir em busca de visibilidade, de inclusão nas políticas públicas e para que suas reivindicações específicas fossem atendidas. A luta pelo básico, como água, alimentação e moradia, por exemplo, levou à organização de comunidades em associações, movimento que ganhou força no Brasil em 1980.

Nesse contexto, no início do ano de 1987, um grupo de famílias ocupou um terreno do governo federal, localizado no bairro Álvaro Weyne. Após a ocupação, surgiu a necessidade de criar uma comissão para representar todos os integrantes do grupo em possíveis processos de negociação que viessem a ocorrer. Com o passar dos dias, os integrantes da ocupação e

membros da comissão acordaram que uma nova necessidade havia sido estabelecida: a criação de associação comunitária para representar juridicamente todos eles na busca pelo direito de posse do terreno ocupado.

Em 12 de maio de 1987, foi criada a Associação dos Moradores de Luta do bairro Álvaro Weyne (UmLaw), entidade que seria responsável por todos os trâmites legais para a obtenção do direito de posse da ocupação. Para além desta designação, a associação também ficou responsável, ao longo do tempo, por negociações com o Estado e o Município, melhorias estruturais na comunidade e por uma melhor interação entre os moradores do bairro, que aumentavam ano após ano.

Uma pequena parte do terreno ocupado deu lugar à sede da Umlaw Associação, que foi mobiliada através de doações com o passar do anos, e hoje já possui um espaço térreo e também o primeiro andar.

No início, a parte comunicacional da entidade se restringia apenas ao já conhecido e tradicional “boca a boca”, onde as informações eram levadas de casa em casa, de um lado a outro da comunidade. Em seguida, a associação passou a adotar as radiadoras, pequenas caixas de som penduradas em postes ou telhados, que divulgavam notícias de interesse do bairro. No entanto, aos poucos, tal ideia também tornou-se inviável, uma vez que alguns moradores queixavam-se do barulho e da poluição sonora que agredia o meio ambiente.

Após alguns anos, o contato da entidade com rádios comerciais locais foi aumentando gradativamente de acordo com a importância dada por ela à comunicação. A UmLaw começou a participar do trabalho realizado em algumas rádios locais, dentre elas a Cidade AM. O que era apenas uma participação especial tornou-se algo exclusivo para a associação, que foi aprendendo, na marra, como produzir seu próprio programa de rádio. A experiência engrandeceu ainda mais os membros da entidade, além de desenvolver suas habilidades comunicativas.

Mas a responsabilidade em produzir um programa de rádio em uma emissora comercial requer mais sacrifícios do que apenas perder algumas horas produzindo uma pauta. Os recursos financeiros da associação sempre foram escassos, uma vez que dependem de contribuições da comunidade, e, além do deslocamento, outras despesas eram necessárias para manter o programa no ar. Foi então que a UmLaw abriu mão de seu espaço na programação da Cidade AM.

Na mesma época, o movimento das rádios comunitárias começou a ganhar mais visibilidade em Fortaleza, e a associação deparou-se com mais uma oportunidade de levar os interesses e reivindicações dos moradores do bairro Álvaro Weyne para um veículo de

comunicação. Os membros da entidade partiram em busca dos contatos das rádios comunitárias e participaram ativamente de várias delas, como a FM Parquelândia, que funcionava no bairro de mesmo nome.

Após o contato com o fazer comunitário, mais uma decisão foi tomada: a associação lutaria para que os moradores do bairro Álvaro Weyne pudessem ter sua própria rádio comunitária. Durante aproximadamente cinco anos, os representantes da UmLaw batalharam para reunir todos os documentos necessários para realizar o pedido de autorização de funcionamento junto ao Ministério das Comunicações.

Todo esforço, porém, não trouxe o resultado esperado. A solicitação não foi atendida pelo Ministério, que alegou não ser possível devido a localização de uma outra rádio comunitária que, por ser bem próxima, inviabilizava a criação de uma nova rádio no Álvaro Weyne.

Mesmos após alguns empecilhos no caminho, a Associação dos Moradores de Luta do bairro Álvaro Weyne não foi de se deixar abater com a luta diária. Um dos principais objetivos da entidade continuava sendo desenvolver um canal de comunicação próprio e capaz de atender às demandas da população, além de representar a periferia. Enquanto isso, outras lutas eram travadas paralelamente, sempre com o intuito de melhorar a infraestrutura, a qualidade de vida e as relações interpessoais na comunidade.

Com o advento da internet e todas as possibilidades que a mesma ofereceu, a UmLaw encontrou, mais uma vez, uma oportunidade, e decidiu agarrá-la. Após algumas reuniões e pesquisas para entender mais sobre o mundo virtual, ficou decidido que esta seria a melhor plataforma para o tão almejado canal de comunicação comunitária. Um dos integrantes da diretoria da associação, Ivan Batista, já havia tido um contato prévio com o fazer telejornalístico através de tele-aulas oferecidas pela TV Ceará. O pouco que ele absorvera era suficiente para iniciar uma experiência junto aos demais e finalmente estava decidido: a comunidade do Álvaro Weyne seria representada por uma web-tv comunitária.

Da tela para o povo

O ano era 2008. Uma reunião foi realizada para decidir o nome que seria dado à TV. Como pertenceria à associação, o escolhido foi UmLaw, nascendo, assim, a TV UmLaw. Através de doações, os primeiros computadores chegaram. Ainda tinham os monitores de tubo, que só funcionavam após uma batida com a mão na lateral. Com um dinheiro que estava guardado após algumas rifas realizadas e contribuições de moradores, a primeira

câmera foi comprada. Analógica, de pequeno porte, mas “daria para o gasto”, nas palavras de Nilson Carvalho, produtor e editor da web-tv. A plataforma escolhida para as transmissões foi a livestream.com. A TV passou a ter perfil no Orkut e um site próprio para divulgar os vídeos e as ações realizadas.

Em 2009, o Governo Federal implementou as Conferências de Comunicação, encontros que aconteciam a nível municipal, estadual e nacional, com o intuito de debater sobre uma comunicação mais democrática e de promover a troca de experiências entre as mais diversas formas de atuação de um comunicador, além de aprovar políticas para o setor. O debate sobre democratização da comunicação no país estava a todo vapor. Assim que foram informados sobre a mobilização nacional, os membros da TV UmLaw avaliaram que essa também era uma das lutas a serem travadas em conjunto pela TV e a associação.

A TV UmLaw que, como forma de aumentar sua visibilidade e os seus contatos, além de participar ativa e politicamente do encontro, havia encaminhado a participação no movimento de comunicação, viu na 1ª Conferência Municipal de Comunicação (2009) uma excelente oportunidade para o primeiro contato com outros comunicadores de Fortaleza, bem como com o debate que a mesma traria. Mas o seu desafio foi além de simplesmente participar como ouvinte: a TV iria fazer a transmissão ao vivo da conferência.

Mesmo com todo o equipamento de segunda mão, exceto a câmera, a transmissão ocorreu de forma tranquila, contemplando toda a extensão do encontro. Durante o evento, o presidente da associação, Ivan Batista, em sua fala, enfatizou que a equipe da TV UmLaw estava realizando uma transmissão ao vivo de tudo que acontecia no local. A primeira reação dos demais presentes foi de surpresa e após o link para visualização ser disponibilizado, a surpresa transformou-se em admiração.

O feito abriu os olhos da imprensa convencional cearense para o canal de tv comunitário. Os grande jornais de Fortaleza logo fizeram os contatos e entrevistaram a equipe da UmLaw, divulgando seu trabalho aos quatro cantos do Ceará.

A data da Conferência Estadual de Comunicação chegou e, mais uma vez, a TV UmLaw marcou presença, também fazendo a exibição do evento em tempo real. Mas o grande objetivo da entidade era, de fato, fazer a transmissão da Conferência Nacional, que aconteceria em Brasília. Na Conferência Estadual, eles conseguiram eleger um delegado para



representá-los, com todos os custos de passagem, hospedagem e alimentação pagos. Iniciaram uma saga pelo bairro com o objetivo de arrecadar fundos para custear a ida de mais um representante, pois somente com duas pessoas seria possível realizar a transmissão. A associação conseguiu a quantia necessária e duas pessoas representando a UmLaw foram à Brasília.

Foi, então, que a TV UmLaw, a pequena comunitária do Álvaro Weyne, deu mais um passo de grande importância e responsabilidade. Com o auxílio dos demais integrantes da TV que permaneceram em Fortaleza, a transmissão da conferência em Brasília ocorreu perfeitamente bem, de acordo com seu presidente Ivan Batista. Comunicadores de outros estados cederam entrevistas e ressaltaram o valioso trabalho feito pela equipe, gerando visibilidade a nível nacional. O fato repercutiu também dentro do próprio bairro, que passou a enxergar a TV UmLaw com olhos admirados e confiantes.

Um dos dois membros que foi até Brasília, Nilson Carvalho, conta que a experiência com a Conferência Nacional de Comunicação foi o que mais marcou sua trajetória na UmLaw. “É um orgulho pra gente, né? Sair de um bairro criminalizado e ir representar o estado fazendo esse trabalho que poucas pessoas fazem é muito gratificante. O que a gente faz aqui repercute nacionalmente e é isso que vale a pena”, afirma o produtor.

E o reconhecimento não parou por aí. A prefeita na época, Luizianne Lins (PT), convidou a equipe da TV UmLaw para uma reunião e elogiou o trabalho da tv comunitária, dizendo-se “apaixonada pelo que foi feito do nada”, atentando ao fato de que quase todo o material era de segunda mão. Como fruto da Conferência Municipal, houve cobranças de amplificação do apoio aos veículos comunitários fortalezenses. O reconhecimento se estendeu também até a Prefeitura Municipal inserir a TV UmLaw dentro do seu projeto de comunicação popular, uma espécie de conselho formado por comunicadores populares de Fortaleza.

Ainda em 2009 e após todo o reconhecimento e apoio recebidos por conta das transmissões das conferências, a associação inscreveu a TV no edital Ponto de Mídia Livre, do Governo Federal, um incentivo à produção feita por comunicadores populares no país, dividido nas categorias local, regional e nacional. A TV UmLaw ganhou o edital na categoria local e a premiação ajudou-os a comprar sua primeira (e, até agora, única) câmera profissional com alta definição. O incentivo também serviu para ampliar a equipe, que passou a conter 10 integrantes, além de disponibilizar uma ajuda de custo para os mesmos. Os novos integrantes contratados foram todos jovens da própria comunidade e que começavam ali seu primeiro emprego.

A TV UmLaw também foi a ganhadora do prêmio na edição seguinte, em 2010, mais uma vez na categoria local. Com a compra da nova câmera e devido ao seu tamanho e peso, transportá-la de ônibus foi se tornando inviável. O recurso disponibilizado pela premiação dos dois editais possibilitou, também, a compra de um carro bem velho, mas que supria as necessidades básicas da associação. A nova estrutura de transporte facilitou muito o dia a dia da equipe, abrindo ainda mais portas para novos trabalhos. Hoje, quem vir um carro bem velho, do modelo Escort, e com uma adesivo escrito REPORTAGEM no vidro traseiro, transitando pelas ruas de Fortaleza e, principalmente, do bairro Álvaro Weyne, já sabe que é o carro da TV UmLaw que vai passando.

Ainda com o recurso disponibilizado a partir das premiações no edital Ponto de Mídia Livre, a associação resolveu realizar um sonho que existia desde a criação da TV: montar um estúdio próprio. O espaço chegou a ser comprado, mas não houve dinheiro suficiente para as reformas e o local ficou sem utilização.

Em 2016, o edital foi mais uma vez reaberto. A TV UmLaw, desta vez, inscreveu-se para concorrer à categoria regional, mas não atingiu a pontuação necessária para vencer, ficando na septuagésima segunda posição.

Outros trabalhos

Ainda durante a Conferência Estadual de Comunicação, em 2009, a TV UmLaw recebeu um convite um tanto quanto tentador: o presidente da TV Ceará convidou a tv comunitária para ser responsável pela produção de um programa próprio na emissora. Por alguns problemas internos, além da falta de pessoal, a UmLaw não aceitou o convite. Medo não deve ter sido o principal motivo, mas, talvez, a equipe tivesse um outro projeto comunicacional em mente (e que vem dando certo até hoje).

Com o passar do tempo e à medida que o trabalho da TV UmLaw ganhava mais visibilidade e reconhecimento, diversas universidades e faculdades públicas e privadas convidaram toda a equipe para participar de palestras, debates e rodas de conversa, com o intuito de compartilhar a experiência de construir um veículo que oferece uma alternativa aos meios hegemônicos de comunicação, bem como contribuir de alguma forma com a formação acadêmica e profissional dos estudantes.

Tal acontecimento é de grande importância, uma vez que na academia e, inclusive, dentro da maioria dos cursos de Jornalismo do Ceará, a comunicação popular, alternativa ou comunitária é deixada de lado e pouco encontrada na grade curricular dos cursos. O próprio

curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, por exemplo, carece imensamente do debate. É por isso que toda e qualquer oportunidade de exaltar e visibilizar o fazer comunitário na comunicação deve ser aproveitada.

Desde que passou a fazer parte do projeto de comunicação popular da Prefeitura Municipal de Fortaleza, a TV aproveitou para participar mais ativamente de atividades voltadas ao desenvolvimento interpessoal dos jovens das periferias. Um exemplo são os CUCA's, centros de integração entre jovens que promovem, gratuitamente, o incentivo à cultura, aos esportes, à música e aos mais diversos aprendizados, com o intuito de retirar a juventude das ruas e oferecer inúmeras atividades para preencherem seus dias.

Não podendo ficar de fora, a UmLaw ministrou oficinas no CUCA Che Guevara, localizado na Barra do Ceará. O programa de comunicação popular do CUCA Barra, como é conhecido, tem um reconhecimento muito bom dentro da cidade, uma vez que conta com profissionais competentes e que de fato acreditam em uma comunicação mais democrática e para todos.

As oficinas realizadas foram sobre produção e edição de vídeos com enfoque na utilização de aparelhos celulares. Os jovens aprenderam noções de produção e edição, além de perceberem que apenas um aparelho de celular seria suficiente para fazer um bom vídeo e, assim, poder pautar suas próprias demandas. Durante os encontros a participação dos jovens acontecia de forma espontânea e frequente, e o nível de interesse dos mesmos elevava a cada nova oficina.

No início de 2016, a TV UmLaw foi contratada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB) para fazer a cobertura e transmissão ao vivo do congresso do partido. O evento durou vários dias e a equipe da TV UmLaw trabalhou incansavelmente para que tudo corresse bem. Com o pagamento após o serviço, o primeiro andar do prédio da associação, onde atualmente fica o estúdio de TV, foi inteiramente reformado, possibilitando uma permanência mais confortável a todos que se utilizam do espaço.

De acordo com seu presidente, Ivan Batista, o posicionamento da TV UmLaw é bem claro quanto à atuação juntos desses movimentos: há a separação do profissional e do pessoal. “Alguns dos membros da equipe possuem filiação a partidos políticos e outros não, mas todos deixam o político de lado quando o caráter profissional precisa prevalecer, embora as atividades realizadas sejam sempre ligadas à esquerda”, afirma Ivan.

E foi por conta deste reconhecimento que, às vésperas da vinda do ex-presidente Lula à Fortaleza, o diretório estadual do Partido dos Trabalhadores entrou em contato com a equipe da TV UmLaw. O ex-presidente participaria de ato realizado no dia seguinte e o

partido ainda não havia conseguido uma equipe para ficar responsável pela filmagem e transmissão do encontro, que deveria contar com a participação de milhares de manifestantes.

Foi então que o trabalho realizado pela TV UmLaw foi lembrado pelo PT, que entrou em contato menos de 24 horas antes do evento acontecer, solicitando os serviços da tv comunitária; como conta o produtor Nilson Carvalho: “A equipe passou a madrugada inteira na preparação para a transmissão.” Câmera profissional testada, computador nas condições necessárias, pessoal preparado. Seria a maior transmissão realizada pela TV, uma vez que milhares de pessoas eram esperadas e a equipe da UmLaw nunca havia transmitido evento de tal porte.

No dia 2 de abril de 2016, com uma equipe de dez pessoas, a web-tv comunitária do bairro Álvaro Weyne foi a transmissora oficial da visita do ex-presidente Lula à Fortaleza, evento que contou com a participação de aproximadamente 50 mil pessoas na Praça do Ferreira, ocupando o centro da capital. A transmissão foi feita diretamente para o site do Partido dos Trabalhadores e atingiu cerca de dois milhões de acessos.

Para Ivan Batista, tal feito “irá marcar profundamente a história da TV UmLaw”. Em tempos de atentados ferozes à democracia brasileira por parte da mídia tradicional, fazer parte de um projeto de comunicação comunitária a serviço das causas populares a nível nacional é uma experiência única e valiosa. O que permanece é o desejo de que cada vez mais veículos que se propõem a atuar como uma alternativa à grande mídia sejam sujeitos protagonistas nas lutas e resistências do dia a dia.

Obstáculos e sonhos

Com a mudança de governo na Prefeitura Municipal, muitas coisas foram ficando difíceis para os comunicadores populares de Fortaleza. Além da mudança no cargo de prefeito, houve também a alteração na orientação ideológica da gestão. A equipe de comunicação da prefeitura, aos poucos, foi deixando de lado as pautas reivindicadas pelos comunicadores populares.

Com isso, muitos veículos pertencentes a associações e comunidades foram identificando cada vez mais dificuldades para continuar existindo. Muitos acabaram, outros, como é o caso da TV UmLaw, continuam resistindo até hoje. Para a UmLaw, as dificuldades começaram quando a Associação dos Moradores de Luta do bairro Álvaro Weyne passou a não comportar mais as demandas da TV.

A diretoria da associação optou por dar prioridade à resolução das demandas da comunidade e tornou-se necessária a separação das duas entidades: a TV UmLaw passaria a atuar de forma autônoma, desvinculando-se da associação. Hoje, a TV foi transformada em uma ONG, mas ainda continua sem registro devido à falta de recursos financeiros, necessários para realizar os trâmites necessários para sua regularização.

Outro fator enfrentado pela TV é a falta de visibilidade dentro da comunidade. Após a realização de um diagnóstico e de autocrítica, constatou-se que, fora do Álvaro Weyne, um número bem maior de pessoas conhecia a história da TV, suas transmissões e seu reconhecimento nacional. Dentro do bairro, no entanto, as pessoas até conheciam a associação e a TV que surgiu dela, mas não demonstravam tanto interesse em conhecer muito além disso.

A situação mudou, quando foi criado o programa Circulando, programa ao vivo e transmitido diretamente do estúdio da TV UmLaw. O Circulando tinha como temática central divulgar o trabalho das mais diversas personagens presentes no bairro Álvaro Weyne. Artistas, músicos, pintores, grupos de dança, grupos de bordado: quem quisesse poderia ter um espaço para mostrar o que sabe fazer melhor. Através do programa, veículos da mídia tradicional conheceram o trabalho das pessoas e fizeram diversas matérias com os artistas da bairro, dando uma sensação de dever cumprido aos que fazem a UmLaw.

Hoje, o programa não está mais funcionando. Problemas estruturais e internos fizeram com que fosse ficando difícil manter a transmissão periódica. No entanto, após seis meses desde a última edição, a TV UmLaw ainda guarda o sonho de reativá-lo e voltar a dar visibilidade aos talentos escondidos por toda a comunidade.

A equipe da UmLaw conta, atualmente, com apenas dois membros fixos, que trabalham sempre, mesmo sem qualquer tipo de remuneração. Quando há algum evento para cobrir ou alguma transmissão a ser feita, outros jovens são contratados para trabalhar, recebendo apenas uma ajuda de custo que varia de acordo com o pagamento pelo serviço.

Para Ivan Batista, “infelizmente a comunicação popular não tem um retorno financeiro que possibilite alguém a sobreviver somente dela”. Ivan acredita que se houvesse algum tipo de investimentos para possibilitar os integrantes a se dedicarem exclusivamente ao trabalho com a UmLaw, a tv “faria uma diferença muito grande em relação a esta mídia que está aí”.

As transmissões diretamente do estúdio foram suspensas devido aos gastos com energia, internet e manutenção dos equipamentos, mas a equipe se mantém a postos e atenta às atividades realizadas na comunidade, participando, inclusive, da organização da maioria

delas. Quando uma praça da região é restaurada, uma rua asfaltada ou quando o bairro recebe a visita do prefeito, por exemplo, a TV UmLaw faz todos os registros e divulga nas redes sociais, ficando responsável por redigir as matérias e editar as fotos. A TV é responsável também por administrar alguns sites de bairros vizinhos, alimentando as páginas com notícias e acontecimentos da região.

O maior sonho de todos que compõem a TV UmLaw é que ela tenha uma equipe maior e seja dona de seu próprio programa na TV aberta. Enquanto o sonho não se torna realidade, todos seguem na luta por uma comunicação mais representativa feita por negros, pobres, periféricos e LGBTs; uma comunicação feita por todos que quiserem fazer parte dela.

Essa é uma luta que todos deveriam travar.

Capítulo 4

O vínculo com a Igreja Católica aumentou a vontade de trabalhar com as pessoas e de lutar por melhorias nos projetos sociais. Ninguém mais queria ver sua comunidade retratada nos jornais apenas como um bairro violento e com alta taxa de criminalidade. O que fazer para divulgar o trabalho dos artistas, pautar reivindicações da comunidade e fugir da manipulação da mídia tradicional?

No final da década de 1990 e início dos anos 2000, em Fortaleza, o movimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEB), ligadas à Igreja Católica, começou a perder um pouco do destaque alcançado após anos de atuação. Durante muito tempo, as CEBs, como são conhecidas, participaram ativamente de lutas travadas no âmbito social, além de despertar o espírito militante em muitos jovens ligados à igreja.

Assim como em diversos bairros da capital cearense, as Comunidades Eclesiais de Base tinham forte atuação dentro do Vila Velha, comunidade periférica que abriga aproximadamente 60 mil pessoas, de acordo com o último censo, em 2010. O trabalho desenvolvido pelas CEBs naquela região destacou-se por formar ainda mais jovens de pensamento crítico e com força de vontade para atuar em atividades em prol de melhorias no bairro. Grupo de jovens, coletivo de leitores e equipes de manutenção e limpeza eram estabelecidos nas pastorais e designados às suas respectivas tarefas.

Após a reunião de seus grupos, alguns jovens continuavam conversando sobre os mais diversos assuntos nas ruas e calçadas. Um dia, o tema da conversa passou a ser a forma que o bairro Vila Velha era retratado na TV e nos jornais. Porém, era muito assunto para pouco tempo e a conversa foi ficando para outros momentos. Alguns dias passaram e o desejo de trazer mudanças e melhorias para dentro da comunidade permaneceu.

Muitas pessoas dizem que uma esquina tem muita história para contar. Nesse caso, não poderia ser mais verdadeiro. Numa conversa de esquina, dois jovens atuantes na pastoral do bairro tiveram acesso ao jornal de um bairro vizinho, o Pirambu. Impressionados com a pouca qualidade gráfica e editorial do mesmo, concluíram que seria possível criar seu próprio jornal.

O ano era 2004. Após o longo e avaliativo debate a respeito do outro jornal, um dos jovens, que havia aprendido noções de design gráfico, arriscou-se a criar uma identidade para o jornal que pretendiam criar. Com letras garrafais, diagramação simples e impressão em preto e branco, a ideia foi batizada de Nosso Jornal. O nome tinha como objetivo fazer com que os moradores do bairro se sentissem parte do periódico, além de resgatar o sentimento de pertença pela comunidade.

No entanto, as atividades da pastoral dentro da comunidade foram se intensificando e o projeto para o Nosso Jornal foi ficando de lado. A falta de pessoas interessadas em compor a equipe também foi outro fator que influenciou na decisão de colocar a ideia em segundo plano.

De acordo com o ex-coordenador geral do jornal, Marcus Lima, foi somente após dois anos, em 2006, que “não deu mais para continuar parado enquanto o bairro era alvo de preconceito e estigmatização pelo restante da sociedade”. A busca por novos interessados foi mais efetiva do que a primeira vez e logo uma reunião foi marcada para elencar os principais pontos a serem discutidos e pautados no jornal, bem como discutir uma possível política de finanças para possibilitar a impressão e distribuição do produto.

Um das primeiras alterações sugeridas foi o nome. O escolhido, Nosso Jornal, dizia muito pouco à respeito de seu bairro de origem, o Vila Velha. O intuito era relacionar o informativo com o nome da comunidade e o associar ao local que ele iria ter como foco. Sendo assim, o nome que contemplava todas as propostas e que foi escolhido pela maioria dos presentes na reunião foi Vila Notícia.

A identidade visual mudou completamente. Passou a ter cores, a fonte ficou mais limpa e agradável de se ler. O formato deixou de parecer uma caixa, sem formas, para algo mais leve e fluido. O logotipo ganhou, também, um trevo de quatro folhas para lembrar à população do Vila Velha que é preciso cuidar da natureza e aproveitar as riquezas naturais do local onde vivem.



A partir daí, o grupo formado por sete jovens da região passou a se reunir todos os finais de semana. Havia muita coisa a ser pensada: como captar recursos para manter o projeto vivo? Quais as demandas da comunidade? O que ela gostaria de ler no jornal?

As primeiras reuniões possuíram um caráter essencialmente técnico e administrativo. A equipe começou a traçar estratégias para arrecadar fundos para bancar a impressão da primeira edição. Dividiram-se em grupos e percorreram todo o bairro conversando com comerciantes e demais pessoas que pudessem ter interesse em investir no informativo e comprar um espaço de anúncio no jornal.

Uma gráfica do bairro se propôs a aceitar apenas 50% do valor total cobrado para a impressão dos jornais, enquanto os outros 50% seriam pagos após novos contatos dispostos a investir. O próximo desafio seria ir às ruas descobrir quais as demandas da população do Vila Velha, quais pautas eles gostariam de ver nos grande veículos a respeito do bairro, bem como conhecer artistas da comunidade, com o propósito de divulgar seus trabalhos por toda a capital.

Essa foi a tarefa que rendeu mais tempo e dedicação por parte dos jovens comunicadores. O bairro Vila Velha, com seus 60 mil habitantes, não foi fácil de ser percorrido por completo em pouco tempo. Fatores externos à construção do jornal como a resolução de pendências familiares, vínculos empregatícios em outros lugares e demais atividades pessoais de cada componente da equipe do jornal também influenciaram para o lento andamento na produção da primeira edição.

Após um longo período de reuniões estratégicas e de pauta e depois de todo o processo de elaboração do primeiro informativo, finalmente, a primeira edição do jornal comunitário Vila Notícia foi impressa na gráfica e distribuída na comunidade. Os componentes fizeram escalas para que a distribuição dos 5 mil exemplares abrangesse os quatro cantos do Vila Velha da melhor forma possível e, assim, alcançasse um público diverso. Os jornais foram distribuídos também na Assembleia Legislativa e na Câmara dos Vereadores, bem como nas Secretarias Regionais de Fortaleza e em algumas faculdades de jornalismo da capital.

Edições do informativo

Durante seu período na ativa, o jornal Vila Notícia publicou seis edições, mas sem periodicidade definida. As reuniões de pauta do jornal eram, em geral, bem acaloradas. Todos os integrantes da equipe sempre tiveram uma vontade muito forte de expressar sua opinião e

seus posicionamentos acerca do bairro. As suas trajetórias acadêmicas e profissionais até então também influenciavam os jovens comunicadores na hora de elencar prioridades nas pautas produzidas pela equipe.

As sugestões eram as mais diversas: matérias ligadas ao movimento das igrejas, de cunho político-partidário, pautas sobre arte e cultura, empreendedorismo e desenvolvimento sustentável. Cada integrante indicava pautas relacionadas a conteúdos e discussões que tiveram acesso na faculdade, no trabalho ou na militância.

No entanto, embora sempre houvesse divergências quanto às temáticas, todas as matérias possuíam uma característica em comum: o seu conteúdo sempre colocaria em primeiro lugar os interesses internos e externos da comunidade. O propósito do jornal sempre seria de pautar as demandas dos moradores do bairro, divulgar atividades de lazer, esportivas ou educativas realizadas dentro do Vila Velha, bem como visibilizar o trabalho de artistas que moram no local.

Outro ponto que merece ser destacado é a qualidade gráfica do informativo. As cores escolhidas, o layout das matérias e a qualidade das fotos são fatores que chamam atenção desde o primeiro contato com o jornal. Dentro da comunidade, inclusive, os moradores se admiraram quando receberam pela primeira vez o jornal comunitário do bairro em que moram. A equipe do Vila Notícia sempre se preocupou em fazer um jornal diferenciado dos jornais de bairro que conheciam na época, que, de acordo com o coordenador geral Evaldo Paulino, priorizavam os anúncios e as matérias encomendadas por terceiros. No Vila Notícia era priorizado o cuidado com o texto e o tratamento das imagens para que a leitura fluísse bem do começo ao fim do jornal.

A primeira edição do jornal Vila Notícia, lançada em fevereiro de 2008, trouxe, em sua capa, a manchete “Apelo: bairro ainda carente de agência bancária”. A matéria foi fruto de pesquisa e apuração junto aos moradores do Vila Velha, que, ao serem indagados sobre suas insatisfações em relação ao bairro, apontaram a ausência de uma agência bancária como uma das grandes dores de cabeça de quem reside na região. Na foto utilizada para ilustrar a matéria e a capa, vemos uma enorme fila saindo de



O intervalo de tempo entre a segunda e a terceira edição foi um pouco maior. Algumas responsabilidades pessoais, como família e vida profissional e acadêmica, foram colocadas em primeiro lugar e o jornal ficou cerca de um ano sem publicar novamente. Mas mesmo com a inatividade do informativo, a equipe do Vila Notícia continuou atenta às oportunidades ao seu redor.

E foi com muita satisfação que o editorial da terceira edição, lançada em abril de 2009, compartilhou com toda a comunidade do bairro Vila Velha que o jornal Vila Notícia havia sido contemplado com duas premiações. O informativo agora fazia parte da Rede Mundial de Jovens Agentes de Transformação Social, tendo sido aprovado no painel de apresentações de projetos do programa Geração Muda Mundo, promovido pela ASHOKA (organização mundial pioneira no trabalho e apoio aos empreendedores sociais). A equipe também foi contemplada no edital de literatura da Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza (FUNCET), na categoria de criação literária. As premiações garantiram a impressão e distribuição de edições seguintes, bem como serviram de estímulo para que os integrantes da redação do Vila Notícia continuassem acreditando no propósito do jornal.

A capa da terceira edição trouxe a manchete “E o tal do saneamento básico?”. A foto que a ilustra fala por si só e é um choque de realidade para muitos que vivem na zona de conforto de suas residências de classe média ou alta, desconhecendo uma realidade que atinge mais de 40% de Fortaleza. A matéria pauta a falta de saneamento básico no Conjunto Vila Velha IV, uma das mais críticas regiões do Grande Vila Velha. Na foto, uma família na entrada de sua casa, denunciando as más condições de permanência no local devido ao quase inexistente saneamento.

Esta edição também apresenta outras pautas de reivindicações e interesses dos moradores do Vila Velha. Uma página inteira é dedicada à prática do skate como forma de superação ao uso abusivo das drogas na comunidade, ilustrando com fotos da pista de skate local sendo utilizada pelos jovens. A inauguração da nova Área Pastoral do Vila Velha também virou notícia, além da comemoração dos 40 anos da ONG Movimento de Adolescentes e Crianças (MAC), entidade que atua em práticas socioeducativas dentro e fora do bairro.



Outro diferencial importante na terceira edição foi a mudança na assinatura do Editorial. Nas duas primeiras edições, quem assinava o editorial era o coordenador do projeto, Antônio Marcus Lima. No entanto, ao longo de todo o processo de construção do informativo e ainda durante a publicação das duas primeiras edições, os jovens comunicadores fizeram diversas leituras sobre o universo do jornalismo, aprendendo, assim, que o editorial é uma seção destinada à opinião do jornal como um todo, e não de uma pessoa individualmente, como acreditavam. Foi, então, que a assinatura do editorial passou a ser ‘Redação Vila Notícia’, como forma de contemplar a opinião coletiva.



A quarta edição saiu em julho de 2009, com mais uma capa polêmica e com a manchete “Somos mesmo o esgoto da cidade?”. A frase é citação de uma moradora da Favela da Muriçoca, no bairro vizinho Quintino Cunha, comunidade que abrigava cerca de 30 famílias na época e que sofre até hoje vivendo às margens de um

esgoto à céu aberto. A matéria repercutiu em Fortaleza, sendo publicada também em um veículo da mídia tradicional.

Esta edição retomou a seção de Entrevista, não publicada desde o primeiro jornal. A entrevistada da vez foi a escritora Maria Fátima da Silva, popularmente conhecida como Fátima Escritora. Fátima é deficiente visual e teve acesso ao conteúdo do jornal através de seu neto, que recebeu o informativo em mãos e leu para a avó. Desde então, a escritora passou a acompanhar de perto o trabalho da equipe. A quarta edição conta também com textos de profissionais de diversas áreas que passaram a participar diretamente e a contribuir com o jornal comunitário.

Mais uma longa pausa dividiu a quarta e a quinta edição. Outro ano se passou sem que a equipe do Vila Notícia conseguisse a verba necessária para a impressão, mas a quantia referente à premiação da Prefeitura de Fortaleza chegou em boa hora e deu fim à ansiedade de quem não via a hora de ler mais uma edição.

A quinta edição foi publicada referente à junho/julho de 2010, exatamente um ano após a última. Era época de Copa do Mundo e a capa do jornal trazia uma foto de uma das ruas do bairro lotada de bandeirinhas verde e amarelas, tradição comum em época de Copa.



Como complemento à temática principal desta edição, o jornal disponibilizou uma tabela dos jogos, para que o leitor pudesse fazer suas anotações e acompanhar os placares.

Uma das maiores matérias desta publicação pauta o Centro de Integração Social do Vila Velha, como o próprio nome já diz, local de integração entre a comunidade que oferta cursos diversos, além de servir como apoio de projetos da Prefeitura e do Estado e de desenvolver projetos com crianças e idosos. O texto foge um pouco do caráter jornalístico, no entanto, cumpre seu papel de valorização dos interesses da comunidade.

Outro destaque importante nesta edição é um convite para uma assembleia do bairro. A pauta do encontro foi a criação da Associação Cultural, de Educação Popular e Comunicação Alternativa. Percebemos, pois, o interesse do jornal em participar ainda mais ativamente das discussões sobre comunicação alternativa na comunidade, além de manter seu viés ligado à militância e aos movimentos sociais.

Quase outro ano se passou sem o Vila Notícia ser publicado novamente. A sexta edição do jornal foi lançado referente aos meses de abril/maio de 2011. Ao contrário das edições anteriores, no editorial desta nós não encontramos o posicionamento da redação diante do longo intervalo entre as edições.

A matéria principal aborda a Escola de Artes e Ofícios Vidança, um dos maiores grupos de dança de Fortaleza, nascido no Vila Velha na década de 80. A seção de Entrevista é retomada e o entrevistado foi o músico Guilherme Dantas, mais um jovem talentoso do bairro. Duas novas seções são inauguradas nesta edição, são elas: Conscientização Legal e Mundo Mulher, que se propõem a iniciar o diálogo sobre o Direito e a feminilidade.

Os preparativos para o lançamento da sétima edição começaram, mas não foram concluídos. Mas tal mobilização teve sua importância, uma vez que atraiu novos jovens da comunidade para a redação do informativo, como é o caso de Jean Oliveira, que trabalhou como repórter.



Para Jean, foi com o trabalho no Vila Notícia que ele passou “a gostar mais de ler e escrever”. “Eu nunca vou esquecer da primeira matéria que fiquei responsável: era sobre o campeonato feminino de futebol da comunidade e eu fiquei responsável por fotografar e escrever a matéria. O Vila Notícia me ajudou com a timidez e me abriu muitas portas”, comenta o jovem.

Jornalismo sustentável

O jornal Vila Notícia, em todas as suas edições, preza bastante pelo cuidado com a natureza, o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável. As páginas contêm desde selos com a frase “Preserve o meio ambiente” até “Responsabilidade social: aqui tem!”. Além de o jornal ser impresso sempre em papel reciclado, todas as edições (com exceção da terceira) contaram com pelo menos uma página destinada a discussões sobre o meio ambiente e conscientização ambiental.

Tal ideal é de extrema importância, uma vez que o jornal, enquanto formador de opinião, pode criar ou aumentar o interesse da comunidade na questão ambiental, além de desenvolver uma conscientização acerca do tema e ampliar o debate dentro do bairro.

Política de finanças

Não é novidade que se propor a fazer comunicação comunitária não é uma tarefa fácil. Ao longo dos anos de sua existência, o jornal Vila Notícias enfrentou diversos desafios para conseguir ser impresso e distribuído.

Após algumas reuniões, ficou decidido que a política de finanças ideal para arrecadar o valor necessário e custear os gastos com a impressão dos 5 mil exemplares seria através de colaborações ou patrocínios de comerciantes locais. Os integrantes da equipe percorriam todo o bairro dividindo-se entre as lojas, os salões de beleza, as farmácias, padarias, mercantis, gráficas ou qualquer estabelecimento com potencial para colaborar com alguma quantia.

O valor não seria simplesmente uma doação, mas sim o pagamento por um anúncio que sairia na próxima edição do jornal. O grupo que percorria o bairro em busca de anunciantes carregava consigo um folder explicativo, contendo motivos para anunciar no Vila



Notícia, além das possibilidades de posicionamento do anúncio nas páginas do jornal e o valor cobrado por cada tipo ou tamanho de anúncio.

Dependendo do estabelecimento, algumas promoções eram realizadas para chamar atenção da comunidade. Uma padaria do bairro anunciou

no jornal; quem visse o anúncio poderia recortar o mesmo, levar até a padaria e trocar por dois pães carioquinhas, por exemplo. Em outra padaria, a troca do cupom dava direito a um pedaço de torta, e quem fosse até o Laboratório Caldas portando o cupom teria R\$ 3,00 de desconto no exame de glicemia. A estratégia funcionou bem não só na relação entre o jornal e os anunciantes, como também na relação entre o jornal e a comunidade do Vila Velha.

Outros tipo de anúncios também eram feitos, oferecendo aulas de violão, correção e revisão de textos e serviços diversos. O jornal também serviu como uma espécie de classificados, onde os moradores colocavam anúncios de compra e venda de imóveis e veículos. Vale ressaltar que o valor cobrado por cada anúncio varia de acordo com as especificidades de cada um, embora fosse uma quantia irrisória.

O jornal Vila Notícia contava também com outro tipo de arrecadação de fundos. Era o projeto Assinante Solidário, que cobrava R\$ 1,00 por jornal e a garantia de que ele fosse entregue na residência do colaborador. O Vila Notícia continuou gratuito; esta era apenas uma forma de arrecadar mais fundos e de garantir que aquele que fizesse questão de ser um Assinante Solidário recebesse sem falta o seu exemplar.



O Vila Notícia também recebia pequenas doações diversas e aleatórias por parte da comunidade, onde alguns moradores dirigiam-se mensalmente até a sede do jornal para entregar a contribuição.

O processo de arrecadação de fundos era, na maioria das vezes, longo e cansativo. Percorrer o bairro atrás de anunciantes poderia demorar um mês ou seis meses, dependendo da boa vontade e da possibilidade de cada comerciante local. Este era um dos principais empecilhos responsáveis pela falta de periodicidade do jornal, juntamente com questões pessoais e profissionais dos componentes.

Relação com a internet

Desde o início do jornal sua relação com a internet existe. A redação do Vila Notícia se utilizava da plataforma blog para publicar seus conteúdos na rede, mas depois mudou para o site, utilizando o endereço www.vilanoticia.com.br, que hoje encontra-se fora do ar.

A redução no número de integrantes fez com que a redação do jornal optasse por utilizar mais o site em detrimento do jornal impresso, embora soubessem que seu público-alvo, a população de baixa escolaridade e de baixa renda do bairro, passaria a ter um acesso mais limitado ao conteúdo por eles produzido.

O jornal possui, ainda, uma página no Facebook e um perfil no Twitter, mas ambas as redes sociais também encontram-se desatualizadas no momento.

Será o fim?

Desde sua última edição, lançada no mês de abril/maio de 2011, o jornal Vila Notícia não publicou novas edições. Todas as mobilizações em relação à 7ª edição foram iniciadas, algumas quantias arrecadadas, matérias apuradas, fotos feitas, mas a edição não foi finalizada.

Além de o valor arrecadado não ter sido suficiente para cobrir os custos de impressão, cada um dos integrantes tomou rumos diferentes na vida pessoal e profissional e conciliar o jornal diante de tudo isto já não vinha sendo uma tarefa fácil, até que o que todos previam aconteceu e a redação do jornal se desfez.

Por alguns anos, as redes sociais continuaram a ser alimentadas frequentemente, mas aos poucos isso também foi ficando cada vez mais raro. Hoje, alguns dos ex-integrantes da

antiga redação e novos interessados continuam com o desejo de reativar o jornal, e a vontade de se contrapor aos meios de comunicação pertencentes à mídia tradicional permanece.

Para Evaldo Paulino, talvez o foco da equipe agora seja outro. “Eu acredito que a gente ainda possa continuar esse trabalho, mas de uma forma diferente: curso de produção textual, curso de fotografia... tudo voltado para a comunidade. Talvez o nosso foco de agora seja investir nos nossos projetos pessoais, pra ver se a gente se fortalece e em algum momento a gente consegue voltar”, conta.

Para Marcus Lima “seria bacana encontrar toda aquela paixão [pelo jornal] de novo”. “O mais gratificante é a gente andar nas ruas e as pessoas perguntarem ‘E o próximo jornal sai quando?’ Por mais que a gente não saiba quando vai ser, é muito bom perceber o interesse das pessoas da comunidade no retorno do jornal”, conclui o ex-coordenador do informativo.

Conclusão

Escolher trabalhar com comunicação comunitária em meu Trabalho de Conclusão de Curso foi uma decisão fácil, quase como se estivesse predestinado, principalmente após o encontro com a militância. Eu, militante do movimento estudantil de comunicação, ligada à pauta de democratização da comunicação, não poderia escolher trabalhar com outra temática.

Desde o início da graduação, o sonho de escrever meu próprio livro me acompanhava. Porquê não ligar uma coisa à outra? Escrever um livro-reportagem sobre comunicação comunitária vai muito além da necessidade de obtenção de uma nota (e nem deve ser designado somente com tal fim). O melhor está em contar histórias que, pela lógica da academia, passariam quase que despercebidas dentro do meio acadêmico.

Ao adentrar naqueles ambientes que exalavam o real espírito de comunidade, percebi imediatamente que estava no lugar certo, com as pessoas certas e fazendo a coisa certa. Quando me inseri em suas vivências diárias, conheci mais a fundo suas histórias e acompanhei suas rotinas percebi que contar aquelas experiências seria, além de engradecedor, uma grande honra.

A comunicação comunitária é, a meu ver, um assunto pouco explorado no ambiente acadêmico. Como atuação profissional, quase nunca é escolhida em meio aos debates sobre que carreira seguir ao se formar. Foi pensando nisso que escolhi explorar a temática neste trabalho, acreditando que toda oportunidade de dar visibilidade ao fazer jornalístico comunitário deva ser aproveitada.

Como a maioria das coisas, a comunicação comunitária vista de dentro é bem mais complexa. Nos enganamos ao pensar que ela se restringe apenas ao ‘querer fazer’. Diversas problemáticas tornam sua realização complicada, burocrática e cansativa. Mas, ainda assim, a paixão e a necessidade de exercer a comunicação perduram.

Durante as visitas aos três veículos de comunicação comunitária escolhidos, a FM Independência Comunitária, a TV UmLaw e o jornal Vila Notícias, pude perceber grandes semelhanças. A maior delas foi a dedicação durante a produção do conteúdo, a paixão em construir um veículo comunitário. A gratidão em ver seu bairro ou pequeno município tendo suas demandas e reivindicações visibilizadas. Em todos os locais, a palavra ‘satisfação’ foi utilizada para definir o trabalho enquanto comunicador popular.

Porém, outra grande semelhança encontrada foi a dificuldade financeira. Infelizmente, o sistema capitalista em que vivemos nos restringe ao acesso de inúmeras possibilidades,

inclusive a de dedicar nosso tempo com o que gostamos, a exemplo, nossa atuação profissional. Somos condicionados a viver em busca de retorno financeiro para sobreviver, o que impossibilita a escolha de trabalhar exclusivamente com um veículo comunitário.

Dificuldades financeiras são, muitas vezes, um desestímulo ao trabalhador, que, ao não obter um retorno financeiro como comunicador popular, acaba sendo obrigado a deixar a comunicação comunitária como segunda opção em suas prioridades profissionais. Para o veículo, a falta de recursos para dar continuidade à sua produção também vem sendo um desafio desde os primórdios da comunicação alternativa no Brasil e no mundo.

A FM Comunitária de Independência, ao longo de seus 19 anos, vem batalhando intensamente para não deixar de existir por problemas financeiros. A TV UmLaw conta hoje com uma equipe de apenas duas pessoas, que trabalham voluntariamente, pois não há captação periódica de recursos. O jornal Vila Notícia deixou de ser produzido porque os integrantes da redação elencaram outras prioridades profissionais.

Até quando veículos que se contrapõem a mídia tradicional irão fechar suas portas por conta da falta de recursos financeiros? Enquanto isso, a mídia burguesa aumenta suas riquezas a cada dia que passa, manipulando informações e enriquecendo às custas da população, que consome seus produtos, e do governo, que não avança com a pauta da democratização da comunicação.

A internet, por sua vez, atua como aliada à causa comunitária. Veículos independentes encontram na rede uma possibilidade de compartilhar seus conteúdos e, assim, garantir que eles possam ter mais visibilidade. No entanto, sabemos que o acesso à internet ainda é um privilégio, uma vez que apenas parte da população tem condições de pagar por ela; e não é o que queremos no momento.

O nosso objetivo é romper com o oligopólio midiático e avançar na luta pela democratização dos meios. A nossa luta é por uma comunicação livre de preconceitos, feita por todos e para todos. Queremos que a comunicação como um direito humano seja ilimitada. Não compactuamos com a mídia tradicional que está posta, que não hesita em manipular informações em prol de seus interesses.

A nossa luta é e sempre vai ser por uma comunicação feita por mulheres, negros e negras, periféricos. Por pessoas do campo e da cidade, velhas ou novas e por pessoas com deficiência. Por uma comunicação PLURAL.

Nós lutaremos por uma comunicação que paute os interesses dos povos indígenas e quilombolas, as favelas e comunidades rurais. Por uma comunicação que não dependa do capital como forma de sobrevivência. Lutaremos pela emancipação das minorias, para que

haja um novo veículo comunitário em cada canto do país, e que isso não seja considerado um crime. Não descansaremos diante dos ataques à comunicadores populares, às minorias, à democracia. A luta não pode parar.

Até que a comunicação se pinte de povo! E não se desvincule dele nunca mais.

Bibliografia

Downing, John D. H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. Editora Senac. 2002.

Ferreira, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil: 1880-1920**. Editora Vozes. 1978.

Giannotti, Vito. **Comunicação dos Trabalhadores e Hegemonia**. Núcleo Piratininga de Comunicação. 2014.

Kaplún, Mario. **El Comunicador Popular**. Ciepal – Cesap. 1985. (disponível em: <http://www.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/42036.pdf>) acesso em 24.05.16

Kucisnki, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. Editora Página Aberta. 1991.

Malini, Fábio e Antoun, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Editora Sulina. 2013.

Peruzzo, Cicília Khroling. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor**. Palavra Clave. Volume 11. p 367 – 379.

_____. **Comunicação nos Movimentos Populares: A participação na construção da cidadania**. Editora Vozes. 3ª edição. 2004.

Entrevistas

- Entrevistas coletivas com Mariana Gonçalves, Willamy Melo, Terezinha Aguiar Maia, Júnior Martins, Elson Sousa, Rejane Vieira, Antônia de Maria Torres, Elisa Vieira Coutinho e Rômulo Melo, concedidas à autora em 11 e 12 de abril de 2016, na sede da FM Comunitária de Independência/CE.

- Entrevista coletiva com Antônio Marcus Lima, Evaldo Paulino e Jean Oliveira, concedida à autora em 14 de abril de 2016, na antiga sede do Jornal Vila Notícia, no bairro Vila Velha, em Fortaleza/CE.

- Entrevista coletiva com Ivan Andrade Batista e Nilson Carvalho, concedida à autora em 07 de maio de 2016, no estúdio da TV UmLaw, no bairro Álvaro Weyne, em Fortaleza/CE.